

REPRODUÇÃO SOCIAL NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: POSSIBILIDADES PARA UMA GEOGRAFIA ESCOLAR NO FEMININO¹

Victoria Ferreira Oliva²

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Carolina Lima Vilela³

Colégio Pedro II
Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Enviado em 6 dez. 2023 | Aceito em 21 out. 2024

Resumo: Neste artigo, consideramos as contribuições das epistemologias feministas e da Geografia feminista para realizar uma análise das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entendendo que a Geografia Escolar reproduz em seu currículo uma lógica economicista, ligada à produção econômica, este artigo tem como intenção visibilizar a possibilidade de construir uma Geografia Escolar no feminino, que coloque a reprodução social dos alunos no centro do discurso. Assim, as habilidades da BNCC para os segmentos finais do Ensino Fundamental (6°, 7°, 8° e 9° anos) foram analisadas e categorizadas entre: lógica produtiva, lógica reprodutiva e potencial insuficientemente explorado. Essa categorização foi precedida por um debate teórico sobre o pensamento feminista e a definição de critérios compatíveis com cada uma delas. Os resultados comprovaram que os enunciados economicistas são preponderantes, mas que podemos desenhar possibilidades para uma nova Geografia, mais comprometida com conhecimentos localizados, com o trabalho reprodutivo, com o cotidiano dos alunos e com a proteção da natureza.

Palavras-chave: Base Nacional Comum Curricular. Reprodução Social. Produção Econômica. Ensino de Geografia

SOCIAL REPRODUCTION IN THE NATIONAL COMMON CURRICULUM BASE: POSSIBILITIES FOR A FEMINIST SCHOOL GEOGRAPHY

Abstract: This article considers the contributions of feminist epistemologies and feminist geography to analyze the skills outlined in the Brazilian National Common Curriculum Base (BNCC). Understanding that School Geography reproduces an economic logic focused on economic production within its curriculum, this article aims to highlight the possibility of constructing a feminine School Geography that places students' social reproduction at the center of the discourse. Thus, the BNCC skills for the final segments of Elementary School (6th, 7th, 8th, and 9th grades) were analyzed and categorized into: productive logic, reproductive logic, and insufficiently explored potential. This categorization was preceded by a theoretical discussion on feminist thought and the definition of criteria compatible with each category. The results confirmed that economic-oriented statements are predominant, but it is possible to design new possibilities for a Geography more committed to localized knowledge, reproductive work, students' daily lives, and environmental protection.

Keywords: National Common Curriculum Base. Social Reproduction. Economic Production. Geography Teaching.

REPRODUCCIÓN SOCIAL EN LA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: POSIBILIDADES PARA UNA GEOGRAFÍA ESCOLAR EN FEMENINO

Resumen: En este artículo, consideramos los aportes de las epistemologías feministas y de la Geografía feminista para realizar un análisis de las habilidades de la Base Nacional Común Curricular (BNCC) brasileña. Debido a que la Geografía Escolar reproduce en su currículo una lógica economicista, ligada a la producción económica, este artículo propone visibilizar la posibilidad de construir una Geografía Escolar en femenino, en que la reproducción social de los alumnos esté en el centro del discurso. En ese sentido, las habilidades de la BNCC para los segmentos finales de la Enseñanza Fundamental (6°, 7°, 8° y 9° años) han sido analizadas y categorizadas entre: lógica productiva, lógica reproductiva y potencial insuficientemente explotado. Esa categorización fue precedida por un debate teórico sobre el pensamiento feminista y la definición de criterios compatibles con cada una de ellas. Los resultados han comprobado que los enunciados economicistas son preponderantes, pero que es posible dibujar posibilidades para una Geografía renovada, más comprometida con los saberes localizados, con el trabajo reproductivo, con el cotidiano de los alumnos y con la protección de la naturaleza.

Palabras-clave: Base Nacional Común Curricular. Reproducción Social. Producción Económica.

1. Agradecemos ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas em Geografia Escolar, do Colégio Pedro II, pela criação de um rico espaço de trocas entre professores. O artigo aqui desenvolvido é fruto deste encontro.
2. Doutoranda em Saúde Pública e Meio Ambiente pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz - RJ). Mestre e licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar pelo Colégio Pedro II. Professora da educação básica na rede privada do Rio de Janeiro. Email: victoriaferreiraoliva98@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3976-7172>.
3. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da educação básica e do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II. Email: carolina.vilela.1@cp2.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8132-4872>.



Introdução

“Professora, você é feminista?”. Eventualmente, nos deparamos com questionamentos como este quando, nas aulas de Geografia, trazemos temas e levantamos alguns debates que desestabilizam sentidos hegemônicos de sociedade. Sabemos que hoje vivemos em uma onda conservadora, a ponto de o fato de se declarar feminista em sala de aula cause medo a professoras, mas mesmo assim, perseguimos a meta, baseadas no compromisso educativo, educacional e político de ensinar Geografia no feminino. Os entraves para alcançar essa meta são muitos, a começar pelos próprios textos dos documentos curriculares que, não raro, são exigidos como cartilha para o planejamento das aulas em diversas redes de ensino.

Neste trabalho, buscamos explorar justamente o texto do principal documento norteador dos currículos do país, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia para o Ensino Fundamental. Tendo como principal questão mensurar a presença de discursos masculino-dominantes nas habilidades da BNCC, apresentamos, nas seções que se seguem, as filiações teóricas das quais nos valem para caracterizar o feminino, noção que se situa na tensão entre as lógicas produtivas e reprodutivas da sociedade.

O objetivo deste artigo não é, porém, o de simplesmente estabelecer críticas ao teor ideológico dos documentos oficiais e ressaltar suas lacunas. Para além disso, na análise dos resultados, buscamos apresentar caminhos que configuram brechas pelas quais há possibilidade de construir discursivamente uma leitura orientada pela lógica feminista de certos enunciados. Apostamos, com base em Foucault (2010), que o poder é discursivamente disputado na produção de novas hegemonias.

Diante do exposto, este artigo é o resultado de um levantamento qualitativo e quantitativo acerca das habilidades propostas em cada objetivo de conhecimento da BNCC nos anos finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º). Buscando comprovar que os enunciados da Geografia Escolar são economicistas e associados aos valores de troca, propomos como metodologia uma análise discursiva de base foucaultiana das habilidades da BNCC, categorizando-as em “lógica produtiva”, “lógica reprodutiva” e “potencial insuficientemente explorado”. Esperamos que, assim, possamos repensar uma Geografia Escolar no feminino, e mapear quais habilidades podem ser apropriadas para a construção de um conhecimento voltado para o valor de uso, a reprodução social, a coletividade e a ética amorosa.

Por uma educação no feminino

No livro *Modernidades Alternativas* (2016), Gutiérrez, Trujillo e Linsalata discutem formas de repensar o político a partir do comunitário e da reprodução social. Para as autoras, a reprodução social é uma categoria chave para desenvolver uma crítica radical à modernidade capitalista, uma vez que permite o ser humano a dotar sua vida de valor de uso, ao invés de esgotá-la em valores de troca. Assim, sobre o político, as autoras afirmam que

lo político no es una característica, entre otras, del proceso de reproducción de la vida humana, sino el carácter constitutivo y específico del mismo. El ser humano, para garantizar su existencia y reproducir su vida, necesita darse una forma con los otros, conformar su sociabilidad; y a través de ella, conformar su entorno, establecer una relación con lo no-humano, crear su propio mundo de vida. (p. 381).

O processo de conformação do político na sociedade capitalista moderna, entretanto, é constituído articulando os processos vitais do ser humano em torno da acumulação capitalista, da perda da coletividade social e da alienação da capacidade de definir valor de uso para a vida. Neste contexto, se quisermos trazer o debate do político para o âmbito educacional brasileiro, notamos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, é um documento pautado em uma concepção empresarial da educação e na sujeição do processo educativo à acumulação capitalista, ao individualismo privatista e a atribuição de valor de troca para a vida.

Os movimentos que protagonizaram a escrita do currículo nacional, como o movimento “Todos pela Educação”, foram capitaneados por grupos empresariais, a exemplo dos grupos Itaú, Gerdau, Fundação Roberto Marinho e Fundação Lehman, do empresário brasileiro Jorge Paulo Lehman. Segundo Giroto (2017),

O que une estes dois grupos é a **difusão de uma concepção empresarial de educação, pautada no discurso do capital humano e na relação simplista entre desenvolvimento da educação e crescimento econômico**. O que mais chama atenção é que nas equipes de técnicos que compõem estes dois **grupos a ausência de professores da educação básica é evidente**. Destacam-se profissionais da gestão econômica, com experiências no setor privado e em organismos internacionais, entre eles o Banco Mundial. (GIROTO, 2017, p. 435). Grifo das autoras.

Assim, o próprio processo educacional vincula-se com a lógica acumulativa da modernidade capitalista. No entanto, para resistir a esse processo, Gutiérrez, Trujillo e Linsalata (2016) propõe repensar o político para além da lógica de mercado e da lógica estatal. As autoras chamam atenção para a necessidade de reconstruir uma linguagem política que seja *comunitária e feminina*, criticando as formas de inteligência da vida e de sua atribuição de valor a partir de uma lógica eminentemente masculino-dominante⁴. Dentro dessa lógica, estão a invisibilização do trabalho reprodutivo na constituição da vida, a construção de um conhecimento pretensamente universal e de um tempo linear, além do menosprezo pelos conhecimentos comunitários.

A possibilidade de construir uma Geografia Escolar no feminino, então, advém da necessidade de tirarmos da invisibilidade os diversos corpos que produzem conhecimentos na sociedade a partir de suas experiências situadas e dos marcadores interseccionais que os definem. É combater, por meio da educação geográfica, a lógica individualista e privatizante que rege os enunciados masculino-dominantes e impõem uma vida baseada em valores de troca. É colocar o comunitário-popular no centro do processo educacional, subvertendo a teleologia da educação empresarial e conservadora brasileira. É encarar, nas palavras de bell hooks (2021), o amor como fenômeno social e trazer para a escola uma ética amorosa que permitiria o enfrentamento a diversas formas de opressão.

É um desafio ambicioso, uma vez que até mesmo a Geografia Acadêmica tem limitações no que tange a valorização das Geografias Feministas, que vem sendo construídas desde a década de 1990. De acordo com Rose (1988), a história do pensamento geográfico foi construída a partir do ponto de vista de um sujeito social masculino. Somente na década de 1970, tornou-se possível propor uma leitura feminista dentro dos parâmetros da Geografia. Desde a gênese da ciência, então, houve

⁴ No original, as autoras afirmam que “la manera como acá entendemos la expresión ‘masculino-dominante’ busca hacer notar no sólo la escisión del mundo de la reproducción de la vida de la esfera de la producción bajo el capitalismo moderno, sino sobre todo el desconocimiento, ocultamiento y negación del mundo de la reproducción y su sujeción y control por parte de las necesidades de la producción de capital.” (GUTIÉRREZ; TRUJILLO; LINSALATA, 2016, p. 409).

o apagamento ativo das reivindicações das mulheres, de grupos sociais racializados e daqueles que não correspondem à expectativa da heteronormatividade cisgênero.

Na Geografia Escolar, como reflexo deste processo, notamos que os enunciados do discurso econômico são preponderantes, uma vez que “aquilo que não se associa à lógica econômica (...) vai ficando ‘fora da ordem do discurso’” (VILELA, 2018, p. 141). Isto pode ser observado em enunciados quase literais, em que a lógica econômica, por meio de indicadores que mensuram a produção e promovem comparações entre a realidade de diferentes espaços, se faz presente. É possível observar esses enunciados também quando se analisa a estrutura de obras didáticas de Geografia, nas quais o conteúdo, as classificações e as regionalizações são organizadas segundo o critério econômico, e a noção de desenvolvimento atravessa todo o discurso da Geografia Escolar.

Aqui, associamos esta característica à manutenção de um perfil masculinista na disciplina escolar. Se encaramos a produção do conhecimento a partir de práticas discursivas, que segundo Foucault (2010) são “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2010, p. 133), podemos inferir que a BNCC corresponde aos interesses masculino-dominantes.

No entanto, quando analisamos aspectos do próprio sistema educacional brasileiro, vemos que, na prática, mesmo alinhadas com a BNCC, algumas provas de vestibulares tentam trazer para os concursos enunciados que extrapolam o âmbito econômico. Acompanhando as tendências socioculturais contemporâneas, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) vem levantando debates como a interseccionalidade e os desafios para a valorização das comunidades tradicionais brasileiras, presentes na prova do Enem 2022, por exemplo. Em 2023, o exame ainda dá um passo à frente na busca por uma educação no feminino ao cobrar, como tema de redação, os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil.

Assim, partimos da ideia de que aquilo que se ensina é o resultado de disputas no campo discursivo. Por isso, devemos nos questionar ou, usando uma expressão foucaultiana, “nos espantar” com aquilo que está posto, considerando que, em outros contextos, muitos outros sentidos poderiam ter se tornado hegemônicos. A palavra desenvolvimento é um bom exemplo disso, uma vez que está associada a um sentido positivo, desejável, e é estruturante dos conteúdos escolares em Geografia. Esta ideia de desenvolvimento, nitidamente masculinista, deve ser disputada. Aqui, nos colocamos ao lado de Miriam Lang (2016, p.26) quando diz que “há múltiplas razões para se desfazer do desenvolvimento como referente positivo”. Para a autora, “só foi possível acumular esse nível de consumo material depois de séculos de expansão que implicaram a destruição de outras culturas, de outros modos de vida, para tornar seus territórios funcionais às lógicas do capitalismo” (Ibidem, p.28).

Ao nos propormos a defender uma Geografia escolar no feminino, nos posicionamos na disputa por significados, pensando, a partir dos documentos curriculares, possibilidades de tensionar e deslocar seus limites e produzir outros sentidos. Reconhecemos, entretanto, que as mudanças curriculares não se dão por grandes revoluções. Afinal, podemos “entender currículos como espaço-tempo de fronteira e, portanto, como híbridos culturais, ou seja, como práticas ambivalentes que incluem o mesmo e o outro num jogo em que nem a vitória nem a derrota jamais serão completas” (Macedo 2006, p. 289).

Reprodução expandida na BNCC

Alguns princípios epistemológicos devem ser esclarecidos antes de darmos continuidade a análise da Base Nacional Comum Curricular. O primeiro deles é que a intenção deste artigo não se limita a visibilizar as categorias de gênero, sexualidade e racialidade a partir da contestação da desigualdade nos enunciados geográficos. Na verdade, a fim de visibilizar a experiência espacial e o conhecimento de todos os grupos sociais, buscamos princípios de diferentes correntes do feminismo que possibilitam a constituição de um mundo menos definido a partir de eixos de dominação, como diria Haraway (2019 [1985]).

Os princípios mapeados partem de contribuições do feminismo marxista, como a visibilização da categoria da reprodução social; do ecofeminismo e dos feminismos indígenas, trazendo novas possibilidades de relação entre sociedade-natureza; do feminismo decolonial, associando a colonialidade com a constituição de categorias de dominação racial e de gênero; do feminismo negro, a partir do conceito de interseccionalidade e do feminismo comunitário latino-americano, que evidencia a dimensão comunitária e o papel das mulheres em suas comunidades e na preservação da natureza⁵. Toda essa gramática feminista, oriunda de diversas partes do planeta, constata a violência sentida pelos corpos femininos e a divisão sexual do trabalho, além de propor novas alternativas para a modernidade capitalista.

Esses aportes são fundamentais para explicar a metodologia e os critérios utilizados na pesquisa (pauta da próxima seção). Por questões metodológicas, decidimos privilegiar a categoria da reprodução social, compreendendo que, ao traçar uma concepção expandida de reprodução social e colocar o valor de uso no centro da vida, todas as dimensões supracitadas poderão ser contempladas. Esse debate nasce no feminismo marxista, onde uma releitura das obras de Marx evidencia que os enunciados produtivos são predominantes também em suas obras. A crítica marxista ao capital, portanto, estaria sendo pautada em reivindicações masculinistas que não consideram em sua completude o papel das mulheres na manutenção do sistema capitalista através do chamado trabalho reprodutivo.

Esta categoria evidencia todo o conjunto de atividades desempenhadas pelas mulheres devido a divisão sexual do trabalho, que além de não remuneradas, são constantemente invisibilizadas no debate público. Há um conjunto de responsabilidades que são desempenhadas por elas, que possibilitam a reprodução (manutenção) da vida de um grupo. Essas atividades passam pelo cuidado familiar, pela criação dos filhos, pelo trabalho na roça, pelo preparo na alimentação, pela limpeza da casa e até mesmo pelas relações sexuais.

Esse papel das mulheres não só as impõem uma dupla jornada de trabalho, como modificam de forma geral suas experiências espaciais cotidianas. Nesse sentido, Haraway (2019 [1985]) afirma que “as mulheres estão inclinadas ao cotidiano” (p. 201) e, por isso, “mais que os homens, sustentam a vida cotidiana e têm, assim, uma posição epistemológica potencialmente privilegiada” (Ibidem, p. 201). Essa posição está associada à reprodução social, ao cuidado, à coletividade, ao espaço vivido e por uma relação da natureza como abrigo, e não como recurso. Sobre a última, Federici (2019) afirma que as mulheres mantêm o mundo vivo. Segundo ela, “a terra é a base material para o trabalho de subsistência das mulheres, que por sua vez é a principal fonte de ‘segurança alimentar’ para milhões de pessoas no planeta” (FEDERICI, 2019, p. 279).

⁵ Dentre as autoras que discutem essas temáticas, ressalto a contribuição de Silvia Federici (2021), Donna Haraway (2019 [1985]), bell hooks (2022) e Raquel Gutiérrez, Mina Navarro e Lucia Linsalata (2016) para o desenvolvimento desta pesquisa. Além delas, importantes nomes para o feminismo americano são Verônica Gago, com sua obra *A Potência Feminista*, e as contribuições da ativista indígena Lorena Cabnal.

Assim, algumas habilidades da BNCC correspondem – ou tem potencial de corresponder – a lógica reprodutiva – a exemplo da habilidade EF07GE03⁶, do sétimo ano do Ensino Fundamental, que reconhece as territorialidades de povos e comunidades tradicionais. No entanto, a maioria delas obedece a lógica produtiva, evidenciando como a Base Nacional Comum Curricular pode ser considerada um currículo descorporificado, que propõe um pretensão conhecimento universal de gênero neutro. No entanto, dentro do pensamento feminista, encaramos o suposto conhecimento universal como um conhecimento concebido a partir do lugar que um homem branco, heterossexual e cisgênero ocupa na sociedade.

A BNCC é um documento que busca unificar a base curricular em todo o país, definindo conhecimentos, habilidades e competências que devem constar no processo educacional nacional. No entanto, são comuns as críticas que afirmam que o currículo e os agentes envolvidos “parecem sobrepor uma narrativa que ao invés de orientar, (...) ignora a realidade educacional brasileira, a ausência de inúmeros recursos/materiais e a ineficiência de normativas que não conferem aos educadores/as lugar de fala e ação” (DOS SANTOS; SILVA, 2021, p. 61).

Uma grande crítica das Geografias Feministas ao documento é que, embora exista uma competência das Ciências Humanas que versa sobre a diversidade e a diferença, esse processo é feito de maneira leviana, que não reconhece os mecanismos de diferenciação, que muitas vezes se traduzem na colonialidade do poder (DOS SANTOS; SILVA, 2021). Além disso, as palavras “gênero” e “sexualidade” foram suprimidas do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 e da BNCC de 2017. No ascender da direita conservadora no Brasil, notamos

uma desonestidade em relação ao discurso de gênero e de sexualidade [...], mas é colocada no mesmo bojo quando se fala da suposta “ideologia de gênero”. O gênero é pintado como um plano para destruir a família tradicional brasileira, quando na verdade o que se discute é são questões que concernem às pressões e desigualdades em relação a homens e mulheres. (AZEVEDO; GIORDANI, 2019, p. 12).

Vale lembrar que o documento foi confeccionado enquanto polêmicas como o kit gay e a ideologia de gênero aumentavam a tensão no campo educacional e cerceavam a atuação dos professores em sala de aula, inaugurando uma verdadeira caça às bruxas que reverbera até os dias atuais. Como consequência, ao procurarmos as palavras “gênero”, “feminino”, “reprodução”, “cuidado”, “sexual”, “sexualidade”, ou até mesmo “mulher”, nas tabelas de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades dos anos finais do Ensino Fundamental, encontramos somente ausências, invisibilidade e silêncios (SILVA, 2009). Por outro lado, encontramos 6 vezes a palavra “produção”, 6 vezes a palavra “econômicos” e outras variações da gramática mercadológica.

Metodologia

Nesta seção, serão pormenorizados a metodologia e os critérios estabelecidos na classificação das habilidades da BNCC em três categorias. São elas: “lógica produtiva”, “lógica reprodutiva” e “potencial insuficientemente explorado”. Antes de aprofundar os critérios estabelecidos para a classificação, considero necessário pontuar que a elaboração deste artigo contou com um levantamento bibliográfico prévio acerca das Geografias Feministas e das Epistemologias Feministas, além do debate sobre a Base Nacional Comum Curricular.

⁶ Trata-se da habilidade “selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades” (BRASIL, 2017, p. 387.).

A seguinte etapa foi a análise documental, em que a leitura da BNCC nos permitiu compreender a forma em que o documento está dividido. Foram definidas cinco unidades temáticas para os segmentos dos anos finais do Ensino Fundamental: O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Mundo do trabalho, Formas de representação e pensamento espacial e Natureza, ambientes e qualidade de vida. Para cada um dos segmentos, essas unidades temáticas são divididas em objetos de conhecimento, que por sua vez, são divididos em habilidades.

Nesta pesquisa, o que nos interessa é explorar os enunciados presentes no currículo básico, no sentido proposto por Foucault (2010). Não estamos trabalhando com parâmetros estruturais do texto ou palavras ditas explicitamente, mas “no reconhecimento das tramas enunciativas inseridas em uma formação discursiva” (VILELA, 2018). Não se trata, portanto, de identificar enunciados a partir de conceitos estáveis e seguros. Na perspectiva aqui adotada, fixamos possibilidades provisórias a partir daquilo que está dito. Buscamos entender a condição de existência daquilo que está expresso no discurso, e na sua relação com outros enunciados. Afinal, confiamos na ideia de que na análise discursiva “muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que venham a funcionar e acontecer de outras maneiras.” (Veiga-Neto, 2011, p. 19).

Assim, após a análise das tramas enunciativas de cada tópico, para a definição de algumas categorias de análise foram realizados levantamentos qualitativos e quantitativos das habilidades, buscando encontrar os critérios ideais para investigar se a Geografia Escolar é predominantemente economicista e, por isso, masculinista. Quando os critérios foram definidos, as tabelas de classificação das habilidades da BNCC, presentes na próxima seção, foram elaboradas dentro das três categorias supracitadas.

Antes de apresentar os resultados, a discussão detalhada dos critérios é essencial como ressalva metodológica. Ao pensar a concepção expandida de reprodução social, não temos a intenção de trivializar a noção de reprodução social e assumir que ela pode ser acionada em qualquer contexto. Os aspectos que consideramos para expandir essa categoria foram a posição dialética com relação a produção social, inaugurando de forma simples uma oposição entre produção econômica e reprodução social, e o valor de uso em detrimento do valor de troca.

Com isso em mente, delimitamos os seguintes critérios:

- I) **Lógica produtiva:** habilidades em que há
 - a) predominância dos enunciados e gramáticas do discurso econômico, privilegiando o valor de troca em detrimento do valor de uso.
 - b) uma noção da natureza enquanto recurso, ou uma noção esvaziada dos seus sentidos ontológicos.
 - c) invisibilização de agentes não hegemônicos e de suas práticas espaciais, sobretudo aqueles oprimidos pela colonialidade do poder.
 - d) a manutenção de um conhecimento pretensamente universal.
 - e) uso de termos técnicos de forma alienada à realidade dos alunos.
 - f) invisibilização do trabalho reprodutivo feminino no âmbito do mundo do trabalho e dos estudos demográficos.
 - g) manutenção da estrutura de poder vigente.

II) **Lógica reprodutiva:** habilidades em que há

- a) predominância dos enunciados que extrapolam o discurso econômico, com destaque a elementos reprodutivos como o cotidiano, a cultura e as tradições, o cuidado, a natureza e o respeito às minorias.
- b) uma noção da natureza viva e suas dimensões ontológicas para povos e comunidades tradicionais, enxergando as potencialidades e a importância dessas comunidades na preservação da natureza.
- c) visibilização de grupos não hegemônicos e compreensão de como as diferenças e identidades são produzidas.
- d) consideração pelas práticas espaciais situadas, gramáticas de luta, movimentos sociais e resistências de agentes não-hegemônicos.
- e) consideração por termos técnicos e outros aportes que considerem a realidade socioespacial, econômica e cultural dos alunos.
- f) visibilização do trabalho reprodutivo feminino no âmbito do mundo do trabalho e dos estudos demográficos.
- g) educação crítica vinculada aos valores de uso e a emancipação dos alunos enquanto sujeitos sociais.

Quanto à terceira categoria, sobre o potencial insuficiente explorado, destacamos aquelas habilidades nas quais encontramos brechas na BNCC, que permitiriam que uma abordagem mais vinculada com o valor de uso e a dimensão reprodutiva fosse conduzida pelos docentes, a depender do material didático e da abordagem do professor. Assim, algumas habilidades permitiram que os debates sobre a natureza, como por exemplo da justiça e do racismo ambiental e da demarcação de terras indígenas, fossem aprofundados. Além disso, considera que aquelas habilidades voltadas às representações espaciais, e ao pensamento espacial, por meio da análise de dados e análise e confecção de mapas e gráficos, podem conferir ferramentas potentes para reconhecer as espacialidades de outros grupos sociais, através por exemplo da cartografia social. Por último, também estão presentes nessa categoria temáticas que envolvem a demografia do Brasil e do mundo, os fluxos migratórios e a cultura de povos de todo o mundo, reconhecendo a possibilidade de alargar debates da realidade social dos alunos no âmbito destes conteúdos. Por fim, vale acrescentar que discussões interseccionais, sobre gênero, raças e sexualidades são possíveis de serem construídas transversalmente ao longo destas habilidades.

Resultado: termômetro do masculinismo na BNCC

Ao analisar quantitativamente as habilidades que se enquadram em cada categoria, chegamos no seguinte resultado relativo: das 67 habilidades presentes nos anos finais do Ensino Fundamental, 59,7% das habilidades correspondem a lógica produtiva, 13,4% das habilidades correspondem a lógica reprodutiva, e 26,9% das habilidades foram consideradas de potencial insuficientemente explorado. Na tabela abaixo (Quadro 1), vemos a análise qualitativa por segmentos em números brutos.

Quadro 1 - Análise quantitativa de habilidades por segmentos

ANÁLISE QUANTITATIVA DOS SEGMENTOS				
SEGMENTO	LÓGICA PRODUTIVA	LÓGICA REPRODUTIVA	POTENCIAL INSUFICIENTEMENTE EXPLORADO	TOTAL DE HABILIDADES
6º ano E.F.	10	2	1	13
7º ano E.F.	7	2	3	12
8º ano E.F.	12	3	9	24
9º ano E.F.	11	2	5	18
TOTAL	40	9	18	67

Elaboração própria. Fonte: BNCC (Brasil, 2017).

Nos parágrafos a seguir, realizaremos uma análise qualitativa das habilidades de cada um dos segmentos, começando pelo 6º ano do Ensino Fundamental e concluindo no 9º ano do Ensino Fundamental.

I) 6º ANO:

A proposta da Base Nacional Comum Curricular para o 6º do Ensino Fundamental II é o “reconhecimento dos lugares de vivência e da necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para a tomada de consciência sobre a escala da interferência humana no planeta” (BRASIL, 2017, p. 381). Além disso, também são desenvolvidos conceitos estruturantes do meio físico natural, compreendendo que a relação entre a natureza e a sociedade produz o espaço geográfico. Portanto, são objetivos da BNCC para esse segmento:

compreender o conceito de natureza; as disputas por recursos e territórios que expressam conflitos entre os modos de vida das sociedades originárias e/ou tradicionais; e o avanço do capital, todos retratados na paisagem local e representados em diferentes linguagens (BRASIL, 2017, p. 281)

No entanto, a análise das habilidades curriculares indica a manutenção de uma lógica produtivista e alienante, muito mais focada no domínio de processos e conceitos do meio físico natural e da transformação das paisagens naturais em sistemas urbano-industriais do que nos sujeitos e seus espaços vividos. Na tabela abaixo (Quadro 2), podemos observar que os resultados para este segmento apontam que 10, das 13 habilidades propostas, seguem a lógica produtiva. Essas habilidades são aquelas que focam em uma noção da natureza enquanto recurso, ou de conceitos puramente matemáticos, e discorrem de maneira pouco problematizadora as modificações do meio ambiente em áreas urbanas e agrícolas.

Por exemplo, ao trabalhar o consumo e os impactos de recursos hídricos, o uso dos solos e seus impactos, e as paisagens transformadas, os materiais didáticos costumam focar na dimensão econômica deste processo. Quais são as atividades econômicas que poluem o rio, quais são as atividades econômicas que impactam os solos e as paisagens. No entanto, não se trabalha suficientemente de que formas os sujeitos não hegemônicos podem se relacionar com um rio, não se ensina que o rio, o solo e a paisagem também têm vida em outras cosmologias.

Quanto à categoria da lógica reprodutiva, temos duas habilidades: “comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” (EF06GE01) e

“analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedades, com destaque para os povos originários” (EF06GE02), ambas fazem parte da unidade “o sujeito e seu lugar no mundo” e do objetivo de conhecimento “identidade sociocultural”. Aqui, entendemos que a dimensão reprodutiva é presente na análise do cotidiano e do espaço vivido dos alunos, além da visibilização de outras formas de ser e estar no mundo, como dos povos indígenas, apresentando espacialidades que muitas vezes são invisibilizadas.

Quadro 2 - Análise da BNCC para o 6º ano

BNCC – 6º ANO ENSINO FUNDAMENTAL – GEOGRAFIA					
UNIDADE TEMÁTICA	OBJETIVO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE	DESCRIÇÃO DA HABILIDADES	LÓGICA PRODUTIVA	LÓGICA REPRODUTIVA
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01)	Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.		
		(EF06GE02)	Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.		
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE03)	Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.		
		(EF06GE04)	Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.		
		(EF06GE05)	Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.		
Mundo do trabalho	Transformações das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06)	Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.		
		(EF06GE07)	Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.		
Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08)	Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.		
		(EF06GE09)	Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.		
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10)	Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.		
		(EF06GE11)	Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo		
		(EF06GE12)	Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.		
	Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE13)	Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

Na categoria insuficientemente explorada, temos a habilidade “analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo” (EF06GE11), que pode ser muito rica a depender da abordagem do material didático e do professor. Ao falar sobre biomas, podemos escapar da lógica limitantes e restritiva de apresentar conceitos e atividades econômicas destrutivas, mas visibilizar estratégias, práticas e alternativas de comunidades tradicionais para o modelo de sociedade atual e levantar debates como a justiça ambiental.

II) 7º ANO:

Para o 7º ano do Ensino Fundamental, como podemos observar na Tabela 3, foram desenvolvidas 12 habilidades, nas quais 7 são vinculadas à lógica produtiva, 2 à lógica reprodutiva e 3 são consideradas insuficientemente exploradas. O foco deste segmento é a compreensão da formação territorial brasileira, sobretudo mobilizando conceitos como Estado-nação, formação territorial e região. Assim, as dimensões naturais e culturais do uso do território são acionadas para um entendimento mais complexo da situação geográfica de cada região brasileira.

No entanto, a análise da situação do país, em escala nacional e regional, é realizada sobretudo no âmbito econômico: seja na distribuição da riqueza, dos recursos naturais, ou na circulação de

mercadorias e transformações socioeconômicas no âmbito da urbanização e da industrialização. Dentro desse segmento, notamos 9 vezes a presença de palavras que fazem parte do léxico produtivo, como econômicos, socioeconômicos, renda, capitalismo, mercadoria e riqueza.

Há, ainda, aquelas habilidades que foram enquadradas na lógica reprodutiva. Estas são “selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades” (EF07GE03) e “comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)” (EF07GE12). A primeira é muito importante para a construção de uma geo-grafia menos dominada por eixos de dominação, uma vez que visibiliza os conflitos territoriais a partir das territorialidades de comunidades tradicionais. Quanto à segunda, manifesta preocupação com a vida cotidiana dos alunos e o seu entorno, incentivando práticas ecológicas em seu espaço vivido.

Quadro 3 - Análise da BNCC para o 7º ano

BNCC – 7º ANO ENSINO FUNDAMENTAL – GEOGRAFIA					
UNIDADE TEMÁTICA	OBJETIVO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE	DESCRIÇÃO DA HABILIDADES	LÓGICA PRODUTIVA	LÓGICA REPRODUTIVA
O sujeito e seu lugar no mundo	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil	(EF07GE01)	Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.		
Conexões e escalas	Formação territorial do Brasil	(EF07GE02)	Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.		
		(EF07GE03)	Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.		
	Características da população brasileira	(EF07GE04)	Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.		
Mundo do Trabalho	Produção, circulação e consumo de mercadorias	(EF07GE05)	Analisar fatos e situações representativas das alterações ocorridas entre o período mercantilista e o advento do capitalismo.		
		(EF07GE06)	Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.		
	Desigualdade social e o trabalho	(EF07GE07)	Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território brasileiro.		
		(EF07GE08)	Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro.		
Formas de representação e pensamento espacial	Mapas temáticos do Brasil	(EF07GE09)	Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.		
		(EF07GE10)	Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras.		
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade brasileira	(EF07GE11)	Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).		
		(EF07GE12)	Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

Aqui duas habilidades são consideradas insuficientemente trabalhadas. A habilidade “avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil” (EF07GE01) pode se revelar eficaz para visibilizar *geografias que a geografia não conta*, mas sem o cuidado necessário, pode endossar estereótipos acerca do país. A habilidade “caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária)” (EF07GE11), por sua vez, assim como no caso do 6º ano, pode trabalhar com os biomas brasileiros de forma decolonial, evidenciando as relações ontológicas

existentes entre as comunidades tradicionais e a natureza, e a luta destes povos para diminuir a devastação ambiental, garantir seus territórios e frear o cenário de emergência climática. No entanto, muitas vezes acabam sendo trabalhados de maneira conteudista.

III) 8º ANO:

Nos anos finais do Fundamental II, a Geografia passa a analisar o espaço mundial, evidenciando a divisão internacional do trabalho e a distribuição da riqueza no mundo, cada vez mais complexas pelo avanço da globalização da economia. No 8º ano, a ênfase regional é dada para os continentes americano e africano, mobilizando conceitos econômicos, políticos, de classes sociais, modos de vida, paisagens e diversos elementos físico-naturais.

Na BNCC, “destaca-se também a relevância do estudo da América do Norte, com ênfase no papel dos Estados Unidos da América na economia do pós-guerra e em sua participação na geopolítica mundial na contemporaneidade” (BRASIL, 2017, p. 382). Aqui notamos um posicionamento claro sobre a análise de países hegemônicos no sistema mundo moderno-colonial, enquanto o continente africano é trabalhado através de indicadores socioeconômicos, sendo mantido em uma situação de menor centralidade na mentalidade e percepção de mundo dos alunos.

Esse segmento é o que mais conta com habilidades (24 no total). Como podemos observar nos Quadros 4 e 5, existem 12 habilidades associadas essencialmente à lógica produtiva. Estas estão vinculadas com aspectos geoeconômicos da globalização e da nova ordem mundial, ou com conflitos geopolíticos que endossam as atuais relações de hegemonia em esfera global. São habilidades voltadas a lógica produtiva aquelas que envolvem as organizações mundiais, a ascensão de agentes como EUA, China e BRICS no comércio internacional, a localização de recursos naturais e fontes de energia, a produção, distribuição e intercâmbio de produtos agrícolas e industrializados, a comercialização da água e os fatores locais da indústria.

Quadro 4 - Análise da BNCC para o 8º ano (parte 1)

BNCC – 8º ANO ENSINO FUNDAMENTAL – GEOGRAFIA					
UNIDADE TEMÁTICA	OBJETIVO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE	DESCRIÇÃO DA HABILIDADE	LÓGICA PRODUTIVA	LÓGICA REPRODUTIVA
O sujeito e seu lugar no mundo	Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais	(EF08GE01)	Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.		
		(EF08GE02)	Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.		
		(EF08GE03)	Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial)		
		(EF08GE04)	Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.		
Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE05)	Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.		
		(EF08GE06)	Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.		
		(EF08GE07)	Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.		
		(EF08GE08)	Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.		
		(EF08GE09)	Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).		
		(EF08GE10)	Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

A seguir, podemos observar a continuação do Quadro 4, que contempla a análise da BNCC para o 8º ano do Ensino Fundamental II.

Quadro 5 - Análise da BNCC para o 8º ano (parte 2).

		(EF08GE11)	Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.		
		(EF08GE12)	Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).		
Mundo do trabalho	Os diferentes contextos e os meios técnicos e tecnológico na produção	(EF08GE13)	Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.		
		(EF08GE14)	Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.		
	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina	(EF08GE15)	Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aquífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água.		
		(EF08GE16)	Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.		
		(EF08GE17)	Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.		
		(EF08GE18)	Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.		
Formas de representação e pensamento espacial	Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos d América e África	(EF08GE19)	Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.		
		(EF08GE20)	Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.		
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África	(EF08GE21)	Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

Dentre as 24 habilidades, somente 3 demonstraram proximidade com a lógica reprodutiva. Estas estão vinculadas com o cotidiano vivido dos alunos e de seu município de origem, como na habilidade “relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial” (EF08GE02); as ações dos movimentos sociais camponeses e urbanos no Brasil e na América Latina, “distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos” (EF08GE10); e a análise da segregação socioespacial em áreas urbanas na América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, “analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos” (EF08GE16). Todas essas contêm potencial emancipatório ao trabalhar com situações conflitivas a partir da espacialidade de sujeitos classificados socioespacialmente através das hierarquias da colonialidade.

Por outro lado, esse foi o segmento que mais apresentou possibilidades insuficientemente exploradas. Como já evidenciamos, a própria elaboração desta categoria já indica grande parcialidade, uma vez que depende da prática educacional de cada docente em sua sala de aula. No entanto, 9 habilidades se mostraram potencialmente inclinadas à lógica reprodutiva⁷, e são àquelas relacionadas com aspectos populacionais e migratórios; com as formas de representação e pensamento espacial, que munidas de mapas e dados produzidas por agentes não hegemônicos

⁷ Essas são as habilidades (EF08GE01), (EF08GE03), (EF08GE04), (EF08GE05), (EF08GE16), (EF08GE18), (EF08GE19), (EF08GE20) e (EF08GE23).

possuem forte potencial educacional; e com a espoliação de povos americanos e africanos e tensões que podem revelar a experiência de agentes subalternos geopoliticamente.

IV) 9º ANO:

Quanto ao último ano do Ensino Fundamental II, há a permanência da escala global como escala privilegiada para a análise. Neste caso, a compreensão da (des)ordem mundial e da globalização estão relacionadas aos estudos, sobretudo, do continente europeu e asiático, evidenciando o papel da Europa na constituição do Estado Moderno e na manutenção de estruturas do sistema colonial na divisão internacional do trabalho atual.

Neste caso, das 18 habilidades, 11 revelam-se ligadas à lógica produtivista, como podemos observar na análise das Quadro 6 e Quadro 7. Aqui estão habilidades relacionadas, por exemplo, a atuação das corporações internacionais (EF08FE02), a integração mundial mediante ao processo de globalização (EF08FE05), ao processo de industrialização, urbanização, modernização agrícola e circulação de mercadorias no planeta e as novas tecnologias, como as habilidades EF09GE10⁸, EF09GE11⁹ e EF09GE12¹⁰. Existem ainda aquelas que discutem sobre aspectos físico-naturais da Eurásia e da Oceania, sendo normalmente trabalhados de forma mais expositiva em sala de aula e nos materiais didáticos.

Quadro 6 - Análise da BNCC para o 9º ano (parte 1)

BNCC – 9º ANO ENSINO FUNDAMENTAL – GEOGRAFIA					
UNIDADE TEMÁTICA	OBJETIVO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE	DESCRIÇÃO DA HABILIDADES	LÓGICA PRODUTIVA	LÓGICA REPRODUTIVA
O sujeito e seu lugar no mundo	A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura	(EF09GE01)	Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.		
	Corporações e organismos internacionais	(EF09GE02)	Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.		
	As manifestações culturais na formação populacional	(EF09GE03)	Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças.		
		(EF09GE04)	Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.		
Conexões e escalas	Integralização mundial e suas interpretações: globalização e mundialização	(EF09GE05)	Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização.		
	A divisão do mundo comum em Ocidente e Oriente	(EF09GE06)	Associar o critério de divisão do mundo em Ocidente e Oriente com o Sistema Colonial implantado pelas potências europeias		
	Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania	(EF09GE07)	Analisar os componentes físico-naturais da Eurásia e os determinantes histórico-geográficos de sua divisão em Europa e Ásia.		
		(EF09GE08)	Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.		
Mundo do trabalho	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial	(EF09GE09)	Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais.		
		(EF09GE10)	Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.		
		(EF09GE11)	Relacionar as mudanças técnicas científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

⁸ Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.

⁹ Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.

¹⁰ Relacionar o processo de urbanização às transformações da produção agropecuária, à expansão do desemprego estrutural e ao papel crescente do capital financeiro em diferentes países, com destaque para o Brasil.

Abaixo podemos observar a continuação do Quadro 6, que contempla a análise da BNCC para o 9º ano do Ensino Fundamental II.

Quadro 7 - Análise da BNCC para o 9º ano (parte 2)

	Cadeias industriais e inovação no uso dos recursos naturais e matérias-primas	(EF09GE12)	Relacionar o processo de urbanização às transformações da produção agropecuária, à expansão do desemprego estrutural e ao papel crescente do capital financeiro em diferentes países, com destaque para o Brasil.		
		(EF09GE13)	Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial de acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.		
Formas de representação e pensamento espacial	Leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas	(EF09GE14)	Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais		
		(EF09GE15)	Comparar e classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos e com diferentes projeções cartográficas.		
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na Europa, na Ásia e na Oceania	(EF09GE16)	Identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos da Europa, da Ásia e da Oceania.		
		(EF09GE17)	Explicar as características físico-naturais e a forma de ocupação e usos da terra em diferentes regiões da Europa, da Ásia e da Oceania.		
		(EF09GE18)	Identificar e analisar as cadeias industriais e de inovação e as consequências dos usos de recursos naturais e das diferentes fontes de energia (tais como termoeletrônica, hidrelétrica, eólica e nuclear) em diferentes países.		

Elaboração própria. Fonte: BNCC (BRASIL, 2017).

Somente 2 habilidades se mostraram inteiramente relacionadas à lógica reprodutiva, que são as duas relacionadas à unidade temática “o sujeito e seu lugar no mundo” e ao objetivo de conhecimento “as manifestações culturais na formação populacional”. Essas habilidades tratam de “identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças” (EF09GE03) e “relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais” (EF09GE04), que iluminam outras formas de ser e estar no mundo, vinculadas com as paisagens naturais de diferentes países.

São 5 as habilidades que se enquadram na categoria insuficientemente trabalhadas, mas que possuem muito potencial educativo. Gostaríamos de chamar atenção para 4 delas: I) “analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares” (EF09GE01) e II) “associar o critério de divisão do mundo em Ocidente e Oriente com o Sistema Colonial implantado pelas potências europeias” (EF09GE06), que permitem desenvolver em sala de aulas discussões associadas ao pensamento decolonial, ou seja, as críticas a manutenção de estruturas de ser, poder e saber que ainda se permanecem na sociedade como herança da colonização. Além das duas habilidades inscritas no objetivo de conhecimento “leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas” que permitem que os alunos construam formas de representação espacial mais associada a agentes subalternizados.

Considerações finais: abrindo possibilidades para uma gramática no feminino

Percebemos, então, que 59,7% das habilidades dos anos finais do Ensino Fundamental II permanecem ligadas a uma perspectiva economicista e produtivista da Geografia. Os enunciados mais vinculados com as contribuições do pensamento feminista e da lógica reprodutiva são apenas 13,4% dos presentes na BNCC, enquanto 26,9% se apresentam com potencial insuficientemente explorado. Isso nos permite afirmar que a Geografia Escolar, conforme propomos, ainda está baseada em enunciados economicistas e masculinistas. É importante visibilizar esses traços ocultos

da Base Nacional Comum Curricular para questionar os sentidos que a educação mercadológica está tomando, e quais são as perspectivas de sociedade que esse modelo educacional irá nutrir.

Se os professores sempre dizem que podemos comer pelas beiradas, uma maneira interessante de subverter o sistema que nos é imposto e construir uma geografia no feminino reside justamente nas possibilidades explorar as habilidades em que temos o potencial de trabalhar por meio de outras espacialidades, de abordagens alternativas e do compromisso para a construção de um mundo menos determinado por eixos de dominação. Esse é um passo importante para deixar de comer pelas beiradas e começar, de fato, a tensionar os espaços discursivos das políticas oficiais para a educação. Talvez, dessa forma, ao colocar o comunitário, a reprodução social, o valor de uso e a natureza no centro da produção de conhecimento escolar, possamos construir em uma sociedade munida de uma ética amorosa.

Referências

- AZEVEDO, Luyanne; GIORDANI, Ana. A INVISIBILIZAÇÃO DOS MARCADORES SOCIAIS GÊNERO E RAÇA NA GEOGRAFIA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *Geographia Meridionalis*. Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/15747>. Acesso em: 26/05/2023.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 26/05/2023.
- DOS SANTOS, Maria Aline; SILVA, Juniele Martins. AS GEOGRAFIAS FEMINISTAS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: discussões de gênero, sexualidade e racialidades nos Anos Finais do Ensino Fundamental. *Espaço em Revista*, v. 23, n. 1, p. 55-88, 2021.
- GIROTTI, Eduardo. DOS PCNS A BNCC: O ENSINO DE GEOGRAFIA SOB O DOMÍNIO NEOLIBERAL. *Geo UERJ*, v. 0, n. 30, p. 419-439, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/23781>. Acesso em: 27/05/2023.
- FEDERICI, Silvia (2018). *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.
- FOUCAULT, Michael (2010). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GUTIÉRREZ, Raquel; TRUJILLO, Mina Lorena Navarro; LINSALATA, Lucia (2016). Repensar lo político, pensar lo común: Claves para la discusión. In: INCLÁN, Daniel; LINSALATA, Lucía; MILLÁN, Mátgara (coord.). *Modernidades alternativas y nuevo sentido común: prefiguraciones de una modernidad no capitalista*, p. 377-417.
- HARAWAY, Donna (2019). Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX [1985]. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- HOOKS, bell (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- LANG, Miriam (2016). Alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (orgs.). *Descolonizar o Imaginário*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.
- MACEDO, Elisabeth (2006). Currículo como espaço tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 285-372.
- ROSE, Gillian (1993). *Feminism and Geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA, Joseli Maria (2009). Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, J. M. (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, p. 55-91.
- VEIGA NETO, Alfredo (2011). *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- VILELA, Carolina Lima. Conhecimento escolar de Geografia: explorando discursos em disputa na definição de fronteiras entre as disciplinas nos currículos. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 32, n. 64, p. 135-156, 2018.